



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

CRENÇAS DE JOVENS ADULTOS SOBRE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Carlota Kong Varela de Matos

Orientador de Dissertação: Professora Doutora Isabel Leal

Coordenador de Seminário de Dissertação: Professora Doutora Isabel Leal

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de: MESTRE EM
PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Lisboa

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, seguramente, não me permite agradecer, como devia, a todas as pessoas que, ao longo do meu curso em Psicologia Clínica me ajudaram, direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos e a realizar esta etapa da minha formação académica.

Desta forma, deixo apenas algumas palavras, poucas, mas com um sentido e profundo sentimento de reconhecido agradecimento.

À Professora Doutora Isabel Leal, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação que muito elevou os meus conhecimentos e, sem dúvida, muito estimularam o meu desejo de querer, sempre, fazer mais e a vontade constante de querer fazer melhor.

À Professora Doutora Luisa Mascoli, agradeço por me ter ajudado neste caminho e por toda a disponibilidade, compreensão e amizade.

Ao Tiago, que sem ele não conseguia concluir as cadeiras de estatística nem realizar esta tese, muito obrigada por toda a disponibilidade, conhecimentos e ajuda.

Aos meus avós, a quem devo tudo o que sou e quem mais acreditou em mim e no meu sucesso, o meu maior agradecimento, por todo o amor, pelo exemplo que são, pelo apoio incondicional e pelo encorajamento que me dão, sempre.

Ao meu pai, que sem ele este caminho não seria possível, por todo o apoio, o incentivo, a dedicação e o carinho que me dá sempre, esteja longe ou perto.

À minha mãe, que me acompanha onde quer que esteja, que me ensinou a caminhar e, com esse primeiro passo levou-me a ser quem sou e a estar onde estou.

À minha tia Cady e às minhas irmãs que foram cruciais na minha aprendizagem como mulher, que me acompanham e ajudam sempre e da forma como só elas sabem.

Aos restantes membros da família que são demasiados para citar, mas que tiveram um papel muito importante na forma como percorri este caminho.

Aos meus amigos, em especial, à Maria, à Joana e ao Fábio, por estarem sempre ao meu lado, principalmente nos momentos de maior desânimo e por me encorajarem sempre a fazer mais e melhor. Maria, sem ti eu não estava hoje a escrever estes agradecimentos na minha tese de mestrado, sem ti não tinha sobrevivido a metade nem aproveitado a outra metade.

A todos, o meu maior e mais sincero obrigado.

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo compreender e descrever as crenças dos jovens adultos sobre a relação intergeracional entre avós e netos, construindo e validando uma escala de crenças. O delineamento é de natureza quantitativa e caracteriza-se por ser um estudo exploratório e correlacional.

A amostra, não-probabilística, de conveniência, usando o método de propagação geométrica - "snowball", é composta por 520 jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos, de nacionalidade portuguesa e o Português como língua materna.

O material usado consistiu num questionário sociodemográfico de caracterização da amostra e das relações intergeracionais e numa escala de crenças sobre as relações entre avós e netos.

Os instrumentos foram construídos com base na literatura e em sete entrevistas de pré-teste semiestruturadas em profundidade. As entrevistas foram sujeitas a análise de conteúdo, de onde resultaram os itens da escala.

Para a validação psicométrica da escala, procedeu-se à análise factorial exploratória que permitiu validar e destacar 3 fatores que remetem as dimensões emocional e simbólico, social e instrumental.

Os resultados mostram diferenças estatisticamente significativas entre géneros em função da dimensão emocional e simbólica. Também se verifica diferenças significativas conforme o tempo presencial que os netos passam com os avós.

Palavras-chave: crenças, relação, avós, netos, intergeracional.

ABSTRACT

The present study has as main objective to understand and describe the beliefs of the young adults about an intergenerational relationship between grandparents and grandchildren, constructing and validating a belief scale. The design is of quantitative and is characterized as an exploratory and correlational study.

The sample, non-probabilistic and of convenience, using the geometrical propagation method - "snowball", is composed of 520 young people of age between 18 and 26 years, with Portuguese nationality and Portuguese as their mother tongue.

The material used consisted of a sociodemographic questionnaire characterizing the sample and intergenerational relationships and a belief scale about relationships between grandparents and grandchildren.

The instruments were constructed based on the literature and on seven in-depth semistructured pre-test interviews. The interviews were subjected a content analysis, from where resulted the items of the scale.

For a psychometric validation of the scale, we proceed to the exploratory factorial analysis that allows us to validate and highlight 3 factors that refer as emotional and symbolic, social and instrumental dimensions.

The results show significant statistic differences between genders in function of the emotional and symbolic dimension. It also verified significant differences according to the in-time that the grandchildren spend with the grandparents.

Keywords: beliefs, relationship, grandparents, grandchildren, intergenerational.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
REVISÃO DE LITERATURA	10
Crenças.....	10
O desenvolvimento da identidade e do papel de avô/avó.....	12
Papel dos avós na vida familiar	13
A relação avós-netos	16
MÉTODO	20
Delineamento	20
Participantes.....	20
Material.....	21
Procedimentos.....	21
RESULTADOS	23
Validação psicométrica da escala	23
Sensibilidade.....	23
Validade de constructo.....	23
Fiabilidade.....	25
Escala de Crenças sobre relações intergeracionais (versão jovens adultos)	25
Resultados.....	26
DISCUSSÃO	27
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	39
ANEXO A - Guião para entrevista semiestruturada em profundidade.....	40
ANEXO B – Consentimento Informado.....	42
ANEXO C – Questionário Sociodemográfico	43
ANEXO D – Escala de Crenças da Relação Avós-Netos (30 itens).....	46
ANEXO E – Estatística Descritiva da Amostra.....	48
ANEXO F – Sensibilidade dos Items	51
ANEXO G – Matriz de Correlações Anti-Imagem e Output das Comunalidades	54
ANEXO H – Scree-Plot.....	57
ANEXO I – Matriz de Componente Rotativa.....	58
ANEXO J –Variância Total Explicada e KMO.....	60

ANEXO K – Fiabilidade das Dimensões.....	61
ANEXO L – Correlação entre Idade vs Crenças	62
ANEXO M – Correlação entre Frequência de Contacto vs Crenças	63

INTRODUÇÃO

As diversas alterações demográficas nas últimas décadas, em Portugal, têm tido implicações na estrutura e funcionamento familiares, nomeadamente através do aumento da esperança de vida e conseqüente aumento do número de idosos.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), o índice de envelhecimento em 2011 registou o valor de 128 (sendo de 102 em 2001), significando que por cada 100 jovens há 128 idosos. A percentagem de jovens decresceu, recuando para um valor de 15%, enquanto a percentagem da população idosa aumentou, apresentando um valor de 19% (INE, 2012). Segundo dados da Pordata (2012), a esperança de vida é atualmente de 82.6 anos para as mulheres e 76.7 anos para os homens. De uma forma geral, com o aumento da esperança de vida assiste-se a uma verticalização das famílias, com a coexistência de várias gerações, o que implica uma presença dos avós na vida dos seus netos durante mais tempo.

A importância dos avós na vida familiar é também reconhecida a nível jurídico. Em Portugal, até 1995 a *“jurisprudência recusou reconhecer a existência autónoma de um direito dos avós às relações pessoais com os netos”* (Martins & Vitor, 2010 p.61) mas a criação do artigo 1887.º-A CC do Código Civil veio tentar colmatar esta limitação (Barata, 2010).

Acredita-se que o estudo sobre a família necessita de ter em atenção a transmissão de valores e legados, pois é desta forma que as gerações se perpetuam no tempo. Assim, o significado da última geração, numa família, é o resultado das gerações anteriores espelhando uma dinâmica singular e cheia de história dessa mesma família (Macedo 2007), bem como os seus processos de transição.

Neste sentido, considera-se pertinente indagar acerca do papel de avô/avó que não tem sido muito estudado. A compreensão do mesmo pode ajudar a melhor compreender e desmistificar. Surgiu, desta forma, a questão de investigação “Quais as crenças que os jovens adultos têm sobre a relevância da relação avós-netos e qual a qualidade do envolvimento dos netos nestas idades” sendo que o objetivo principal é compreender quais as crenças dos jovens adultos em relação à relação avós-netos.

O estudo tem assim um carácter exploratório e uma natureza quantitativa, tendo sido estabelecidos como objetivos avaliar se o género influencia as crenças sobre a relação avós-netos em jovens adultos e se a frequência com que se mantém contacto com os avós influencia estas crenças.

REVISÃO DE LITERATURA

Crenças

Primeiramente importa referir que, por crenças (enquanto componente das atitudes) entende-se: o que o indivíduo acredita sobre os factos de uma dada situação (crenças informais) ou o que o indivíduo considera sobre os méritos, deméritos, bem, mal, justo, injusto, benefícios ou custos de diferentes situações (crenças avaliativas) (Duque, 1999).

Crenças são estruturas cognitivas básicas sobre quais as atitudes se fundamentam (Ajzen & Fishbein, 1980). Neste sentido, são fundamentais para promover a mudança de atitudes já estabelecidas. Assim, para ser possível uma visão mais clara do que sejam crenças para estas autoras, é necessário discutir preliminarmente o que são atitudes, já que os teóricos consideram as crenças como um componente delas.

A literatura tem demonstrado que o termo atitude tem sido usado de forma indiscriminada, em diversos tipos de pesquisa. Opiniões, intenções de voto, comportamento do consumidor, atração, atribuição de disposições, vínculo e intenções comportamentais são alguns termos utilizados para designar atitudes. A maioria dos investigadores tem concordado que a atitude pode ser descrita como uma predisposição aprendida para responder de maneira consistente favorável ou desfavoravelmente, a respeito de um certo objeto (Ajzen & Fishbein, 1980).

Ajzen e Fishbein (1980) propõem distinções conceituais importantes para facilitar a compreensão do conceito de atitude. Para as autoras, a atitude é composta por afeto, crenças, intenções comportamentais e comportamento. A mensuração de cada um desses componentes da atitude deveria atender às suas definições específicas:

(a) *Afeto* – refere-se aos sentimentos da pessoa em direção a um objeto, pessoa ou evento. Constitui a parte mais essencial do conceito de atitude. Uma atitude pode ser compreendida como a quantidade de afeto em relação a um objeto.

Nesse sentido, deveria ser medida por um procedimento que colocasse a pessoa em uma dimensão afetiva ou bipolar em relação ao objeto da atitude;

(b) *Crenças* – representam a informação que a pessoa tem sobre o objeto de atitude. A crença vincula um objeto a um atributo. O objeto da crença pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição, um comportamento, uma política ou um evento, por exemplo. O atributo associado ao objeto pode ser outro objeto, um traço, uma propriedade, uma qualidade, uma característica, um resultado ou um evento.

A crença pode ser medida por um procedimento que coloque uma pessoa ao longo de uma dimensão de probabilidade subjetiva, envolvendo um objeto e um atributo relacionado a si. Por exemplo, “Os avós são um apoio emocional indispensável”. Neste caso, o objeto são os avós e o atributo é um resultado: apoio emocional;

(c) Intenção comportamental – indica a probabilidade subjetiva de a pessoa desempenhar um comportamento. Pode ser medida por um procedimento que coloque a pessoa ao longo de uma dimensão de probabilidade subjetiva, envolvendo a relação entre ela mesma e a ação;

(d) Comportamento – refere-se a fatos observáveis, representando o que a pessoa efetivamente faz. A medida advém do próprio comportamento da pessoa.

Ajzen e Fishbein (1980) propõem uma estrutura conceitual, baseada nos quatro componentes já citados para explicar o fenômeno da atitude. Nessa estrutura conceitual, a totalidade das crenças das pessoas serve como base informacional que determina as suas atitudes, intenções e comportamentos. Então essa abordagem vê o homem como um organismo essencialmente racional, que usa informação disponível para fazer julgamentos, fazer avaliações e tomar decisões. Assim, a atitude de uma pessoa em direção a um objeto é baseada nas suas crenças salientes sobre o ele.

Crenças salientes são as que o indivíduo expressa mais comumente e em maior intensidade. Se as crenças associadas ao objeto são formadas por atributos favoráveis, a atitude tenderá a ser positiva.

Em termos de relação entre crença e atitudes, a estrutura conceitual proposta sugere que a atitude da pessoa direcionada a um objeto está relacionada com o conjunto das suas crenças sobre o objeto, mas não necessariamente a uma crença em particular. A atitude em direção a um objeto está relacionada a um conjunto de intenções da pessoa em desempenhar uma variedade de comportamentos em relação ao objeto. Assim, não se pode vincular uma atitude a uma intenção específica.

Algumas crenças influenciam a atitude das pessoas em direção a um dado comportamento. Isso ocorre porque a pessoa acredita que a exibição daquele comportamento levará a certas consequências, que ela avalia como importantes (teoria da expectância). Outro tipo de crença que também direciona o comportamento é a de natureza normativa, isto é, a crença de que as pessoas esperam que o comportamento seja, ou não, exibido. A norma subjetiva da pessoa é vista como maior determinante de intenção para desempenhar o comportamento. Isso significa que existe maior probabilidade de exibição de um

comportamento quando a pessoa acredita que os outros esperam que esse comportamento ocorra numa dada situação.

O desenvolvimento da identidade e do papel de avô/avó

O desempenho do papel de avó/avô vai permitir uma reflexão da própria infância e do seu papel enquanto pais e a relação entre avós e netos pauta-se por ser um espaço de encontro de gerações, que inclui o tempo social, tempo individual e tempo familiar (Newman & Newman, 2012; Sousa, 2006).

O tempo social está relacionado com a vida em diferentes períodos históricos, com a evolução da sociedade e da comunidade. O tempo individual diz respeito ao desenvolvimento e características pessoais de cada indivíduo e envolve a relação com outros sistemas. Por último, o tempo familiar relaciona-se com os outros dois, sendo as transformações da família influenciadas pelo tempo social e individual.

Os papéis sociais e familiares parecem estar em constante alteração e, ser-se avô/avó ou neto(a) atualmente é diferente, em comparação, com décadas atrás.

Quanto ao tempo individual, o desenvolvimento sócio-afetivo dos indivíduos relaciona-se com a forma como lhe são prestados cuidados em idades precoces, com a adaptação em diferentes contextos comunitários e educacionais e, com a integração na sociedade ao longo do tempo.

Desta forma, as crianças mais novas estão dependentes dos adultos, mais especificamente das figuras de cuidado primário, para aprenderem sobre o mundo e sobre si, de forma a compreenderem e regularem as suas emoções. As crianças mais velhas, em idade escolar, para além dos pais e outros membros da família, contam igualmente com os seus pares para o seu desenvolvimento emocional (Link, 2008; Salisch, 2001).

São três as tarefas desenvolvimentistas que Colarusso (1998) refere para os adultos em idade avançada/velhice: 1) manter a imagem do corpo e integridade física, 2) aceitar a morte dos outros e 3) preparar-se para a sua própria morte.

A primeira tarefa envolve a aceitação do declínio físico e adaptação ao mesmo. Na segunda tarefa, ao confrontar-se com mortes de entes queridos ou amigos, os idosos devem saber fazer o processo de luto e prosseguir com a sua vida. A última tarefa desenvolvimentista implica que os idosos se confrontem com a realidade da morte, aceitando-a, como forma de adaptação à realidade das últimas fases da vida.

Em termos cognitivos, pode ocorrer no indivíduo em envelhecimento um declínio na eficiência verbal e inteligência cristalizada e um declínio acentuado nas funções perceptivo-espaciais e inteligência fluida.

Também os traços de personalidade parecem ser mantidos nos idosos, podendo, no entanto, adquirir ou perder algumas características (Oliveira, 2010).

Segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1959, 1982), os estádios da “generatividade versus estagnação” (35-65 anos) e “integridade versus desespero”, (a partir dos 65 anos) são aqueles associados ao período da meia idade e velhice e, portanto, os anos em que os indivíduos experimentam o seu papel enquanto avós.

No primeiro estágio, a tarefa desenvolvimentista prende-se com a obtenção de um sentido de proatividade e preocupação com as gerações futuras, esperando-se um envolvimento social e a introdução de novas ideias. O insucesso desta fase origina um sentimento de estagnação, de falta de produtividade e crescimento psicológico.

No segundo estágio, as pessoas fazem uma análise retrospectiva da sua vida e do que concretizaram e atingiram. O sentimento de integridade surge caso o indivíduo, ao integrar a sua história passada com as circunstâncias presentes, veja a sua vida como satisfatória e produtiva. Em caso de insucesso, surge o sentimento de desespero, originado por uma preocupação com o passado, pelo que não foi alcançado ou pelo que poderia ter sido vivido de forma distinta (Newman & Newman, 2012).

Para um envelhecimento bem-sucedido destaca-se a importância das relações sociais que contribuem para o bem-estar e permitem ao indivíduo adaptar-se e lidar com as mudanças e pressões inerentes ao envelhecimento (Birren & Schaie, 2001).

Papel dos avós na vida familiar

As relações intergeracionais avós-netos constituem um tema crescente a nível de importância (inseridas no estudo da família) e são uma demarcação fundamental no desenvolvimento humano, uma vez que a família, juntamente com a escola, são os marcos de relação da infância (Triadó, Martinez e Villar, 2002).

Apesar de Vicente e Sousa (2010) afirmarem que a relação entre avós e netos é a relação intergeracional não contígua com maior relevo na literatura, existindo vários estudos sobre o papel dos avós na família e a sua importância para as distintas gerações do sistema familiar, Tarrant (2010) contrapõe, dizendo que os avós são uma pequena, mas considerável parte da população que permanecem pouco estudados na geografia humana.

De acordo com Oliveira (2010), só recentemente é que os estudos nesta área se intensificaram, mas muitos perdem a sua atualidade velozmente, devido às alterações constantes na família.

Os avós têm um presente, um passado e um futuro, constituindo uma janela privilegiada para o passado da família e da comunidade. Desta forma, os avós constituem-se como uma memória viva do passado e, junto deles, os netos podem aceder à história da História, num relato vivido e personificado dos factos e da experiência (Sousa, 2006).

O mesmo autor refere que estes avós assistiram à explosão das novas tecnologias e, já mesmo idosos, preparam-se para o fenómeno da internet, onde os seus netos e bisnetos encontram formas diferentes de se relacionar.

São avós ativos e presentes que promovem ou intensificam valores, mais ou menos visíveis nos jovens atuais: a sinceridade e a frontalidade, o respeito pela diferença e o combate a todas as formas de discriminação, a liberdade de expressão, o amor sem calculismo e a importância da intervenção social em muitos comportamentos outrora escondidos. No entanto, encontram-se agora, em muitos casos, frente a filhos tornados pais que mostram às crianças permissividade, insegurança e excesso de gratificação na educação (Sampaio, 2008).

Enquanto os avós já constituíram e criaram a sua família, os netos preparam a sua vida familiar e profissional e podem aprender bastante com a experiência dos avós, que lhes transmitem valores, princípios, comportamentos e atitudes perante a vida e a família (Sousa, 2006). Para o neto, o avô ou a avó são o reservatório permanente da confiança, que ajuda à construção do seu sentido de pertença, valor hoje assumido como prioritário no desenvolvimento moral e na construção do sentido de família (Gomes-Pedro, 2006).

Muitas são as variáveis que influenciam o relacionamento entre avós e netos, como a idade, o género, a distância geográfica, o trabalho e saúde dos avós, o nível sócio educacional da família e a ocorrência de eventos disruptivos, nomeadamente separações, crises e doenças (Dias, 2002). De forma geral, vai depender de diferentes fatores relacionados com o avô, o neto e a família (Bernal e Anuncibay, 2008).

De acordo com Tur e Olivares (2005), constata-se que, na relação com as avós, estas enfatizam mais os aspetos emocionais da relação com os netos, seguindo a tendência cultural em que a mulher tem um papel mais relevante no cuidar das crianças. Dutras (2008), na sua tese, concluiu que as avós consideram importante o amor incondicional, a dispensa de mimos e o apoio aos netos. A transmissão geracional é referida quanto ao ensinar, educar e comunicar e reconhecem a importância do seu papel na vida dos netos e na vida dos pais, no

que se refere a aspetos como a ajuda instrumental, financeira, de aconselhamento e de favorecimento da parentalidade.

A melhoria da qualidade de vida dos indivíduos veio originar um aumento da sua esperança de vida, assistindo-se atualmente a uma verticalização das famílias, com a coexistência de várias gerações. Esta verticalização veio possibilitar relações intergeracionais, assim como o aumento da duração de determinados papéis familiares.

Várias transformações demográficas e sociais, nomeadamente maior foco na vida profissional, aumento do número de divórcios, associaram-se a um papel mais importante dos avós na família, com uma presença mais constante, na prestação de cuidados às crianças e jovens, como forma de apoio aos seus filhos (Euler & Michalski, 2007; Harper, 2006; Hayslip, Henderson & Shore, 2003; Kemp, 2007; Stelle, Fruhauf, Orel, & Landry-Meyer, 2010; Triadó & Villar, 2000)

Inicialmente, as histórias infantis revelavam imagens estereotipadas dos avós, apresentando-os como figuras secundárias, velhas e doentes. Atualmente, os avós surgem como ativamente envolvidos na vida dos netos e, na maior parte das vezes, são apresentados como pessoas felizes. Em muitos livros, os avós adquirem o estatuto de heróis ao resolver problemas familiares, funcionando igualmente como fonte de inspiração para a família. O suporte gráfico das histórias também se revela importante, ajudando a caracterizar os avós como pessoas com valor, respeitadas e apreciadas pelos netos (Belland & Mills, 2001).

Alguns estudos, referem a importância das experiências dos avós com os próprios avós (Kemp, 2007; King e Elder, 1997; Mueller e Elder, 2003), o que parece estar em concordância com a dimensão de reenvolvimento com o passado pessoal, proposta por Kivnick (1982). O papel de avô/avó é visto como sendo multifacetado e, é notória a variedade de funções que os avós podem desempenhar, funções essas que têm sofrido vários acréscimos ao longo dos anos. Isto deve-se ao reconhecimento do papel positivo dos avós e à importância dos mesmos no seio familiar.

Os avós são essenciais na família, uma vez que ajudam na construção da identidade dos netos, inculcando valores, autonomia e cidadania (Attias-Donfut, 2001; Sousa, 2006). São também os principais responsáveis pela transmissão da história e da cultura, sendo de grande importância o diálogo em família (Attias-Donfut, Martins e Vítor, 2010). Mais especificamente, os avós podem cuidar dos netos, ir pô-los ou buscá-los à escola, brincar, contar histórias, dar apoio, funcionar como confidentes, ser educadores, mentores e modelos (Cunha, 2008; Martins & Vítor, 2010; Pires, 2010; Smith & Drew, 2004; Sousa, 2006).

É também esperado que os avós acudam em situações de maior fragilidade ajudando na resolução de problemas de natureza afetiva e económica e complementem as funções dos pais (Camotim, 2004). Neste sentido, para além do contributo direto dos avós como prestadores de cuidados e companheiros, eles podem ajudar indiretamente os seus netos, auxiliando os pais destes, através de apoio financeiro e emocional (Cunha, 2008; Pires, 2010; Smith & Drew, 2004;).

É igualmente esperado que funcionem como mediadores das relações entre os membros da família (Attias-Donfut, 2001).

A relação avós-netos

Tornar-se avô/avó implica uma redefinição da sua posição na família, a alteração da representação dos filhos e o desenvolvimento de uma relação com os netos (Kipper e Lopes, 2006). A relação entre avós e netos oferece benefícios aos avós, aos netos e aos pais.

Segundo Belland & Mills (2001) a ligação intergeracional entre netos e avós traz consequências para as relações familiares a longo prazo. Os netos têm uma grande importância na vida dos avós, podendo o contacto entre ambos ser essencial para a integração emocional da pessoa em processo de envelhecimento (Lumby, 2010).

Ser avô/avó permite que se torne a vivenciar a parentalidade sem as responsabilidades e obrigações inerentes às mesmas (Sousa, 2006). Com os netos, os avós podem ter contacto com novos ideais culturais, adotar posturas menos conservadoras, assim como aprofundar um sentido de continuidade do self/renovação biológica (Cunha, 2008; Newman & Newman, 2012; Pires, 2010; Smith & Drew, 2004; Sousa, 2006).

Os netos oferecem um sentido de imortalidade aos avós, por saberem que parte das suas vidas persistirá no tempo e, desta forma, os avós podem sentir-se mais preparados para aceitar a morte (Newman & Newman, 2012). Os netos podem ainda representar a oportunidade de realizar desejos não realizados enquanto netos, filhos ou pais (Kipper e Lopes, 2006).

Para além disto, os avós podem também ver os seus filhos a serem pais, o que pode originar um sentimento de orgulho pela educação que lhes deram (Sousa, 2006). Desta forma, os avós percebem os netos como uma extensão de eles próprios e sentem-se normalmente felizes neste papel (Smith & Drew, 2004).

Ter avós tem sido reportado como sendo muito significativo para os netos, que retratam os avós como fontes de gratificação emocional e como transmissores das tradições e

histórias familiares. Os avós podem transmitir aos netos ensinamentos para a vida, através da partilha de valores, comportamentos e atitudes (Pires, 2010).

Para Sousa (2006), os netos veem nos avós a oportunidade de ter uma relação afetiva e educativa diferente da estabelecida com os pais, dada a maior disponibilidade e diferente fase de vida dos avós. Desta forma, o ambiente estável dado pelos avós proporciona um sentido de bem-estar, assim como o desenvolvimento emocional dos netos.

A relação entre avós e netos é usualmente próxima e satisfatória (Neugarten e Weinstein, 1964; Smith & Drew, 2004) e os avós parecem privilegiar uma relação com os netos onde haja amizade e partilha (Araújo e Dias, 2002). No estudo de McGowen, Ladd & Strom (2006), com o intuito de comparar os "estilos de parentalidade" de avós e as suas percepções de satisfação, sucesso e ensinamento, são claros os sentimentos expressos por estas, que referem sentir-se mais relaxadas e pacientes neste papel de parentalidade pela segunda vez. Enfatizam que agora se focam totalmente na criança e não na carreira ou na casa, sentindo-se preenchidas e motivadas pelo seu papel de avó. Apesar disto, algumas avós relatam mudanças nas suas rotinas, nas suas relações e referem ter menos tempo privado.

O desenvolvimento da relação dos avós com os seus netos relaciona-se com o género, idade e características pessoais, proximidade geográfica aos netos, idade destes e relação que mantêm com os seus filhos.

A literatura tem apresentado um envolvimento diferente na relação entre avôs e avós, com os seus netos, revelando que as avós se envolvem mais na relação com os seus netos (Dubas, 2001, Mueller e Elder, 2003, Smith & Drew, 2004). Do ponto de vista emocional, as avós parecem estar mais envolvidas com os seus netos, sendo também mais ativas.

Por outro lado, o estudo de Triadó e Villar (2000) não revelou muitas diferenças nas respostas de acordo com o género dos avós. Ainda assim, as avós valorizaram os aspetos mais afetivos da relação, enquanto os avós valorizaram os aspetos ligados à responsabilidade escolar.

O estudo de Kipper e Lopes (2006) revela que as avós dedicavam mais tempo aos cuidados dos netos do que aquele que tinham dispensado aos seus filhos. Relativamente à linhagem, alguns estudos realizados têm confirmado que a frequência de contacto, nível de envolvimento e proximidade aos netos é maior para avós maternos do que para avós paternos (Michalski & Shackelford, 2005; Perrin, 1993; Triadó & Villar, 2000).

A idade avançada dos avós pode, por um lado, afetar a relação com os netos dado o possível decréscimo nas condições de saúde mas, por outro, significar maior disponibilidade para o envolvimento com os netos, dado que se encontram reformados.

Avós mais jovens podem estar mais focados na sua vida profissional e muitas vezes ainda no seu papel enquanto pais, investindo menos na relação com os netos. Ao mesmo tempo, avós mais jovens tendem a ser mais saudáveis, o que pode permitir um envolvimento mais ativo com os seus netos (Mueller, Wilhelm & Elder, 2002).

Watson (1997) analisou a influência da idade dos avós no papel desempenhado pelos mesmos. Os resultados revelaram que as avós mais velhas possuíam significativamente mais informação sobre as vidas dos netos, particularmente em cinco áreas: preocupações dos netos, forma como estão a ser educados em casa, auto-perceção dos netos, amizades dos netos e, partilha de ideias com os netos. As mulheres mais velhas, na altura do nascimento do(a) primeiro(a) neto(a) percecionam-se como significativamente mais fortes na educação dos netos, particularmente em quatro áreas: ensino de boas maneiras, transmissão da história familiar e das tradições, ensino da elaboração de planos e objetivos, e ensino do que os avós esperam dos netos.

Para além disso, as mulheres mais velhas aquando do nascimento do(a) seu(a) primeiro(a) neto(a) relatam menos frustração no papel de avó. De acordo com os resultados, o autor considera que as avós mais velhas, por terem mais experiência de vida, podem sentir-se mais confiantes para monitorizar o desenvolvimento dos seus netos. Podem também, ter mais tempo disponível para estar com eles, possivelmente devido a maiores taxas de viuvez, reforma, etc.

Por sua vez, as avós mais novas podem sentir-se mais ansiosas com o seu nível de informação acerca dos netos devido a, ainda, terem vida profissional ativa e dada a necessidade de conciliar com a sua vida familiar e conjugal.

A proximidade geográfica, parece também ser um importante fator na relação avós-netos. A frequência de contacto parece aumentar na medida em que a distância geográfica diminui, permitindo assim a possibilidade de maior envolvimento dos avós na vida dos seus netos (Mueller, Wilhelm e Elder, 2002; Schutter, Scherman & Carroll, 1997; Smith & Drew, 2004).

Holladay & Seipke (2007) defendem a pertinência de se analisar o uso da Internet na comunicação entre avós e netos, dado o aumento do número de idosos a usá-la. Consideram as vantagens do uso da internet, nomeadamente do uso do email, no contacto entre avós e netos, separados geograficamente, dado que os netos não estão dependentes dos pais para contactarem com os avôs, pois requer menos custos e, pode ser feito a qualquer momento.

A idade dos netos tem também relevância no estabelecimento da relação. Até aos 5 anos, a relação é estabelecida essencialmente através do jogo e atividades quotidianas. Dos 5

aos 12 anos, há um maior interesse pelo meio envolvente e uma grande partilha de interesses e descobertas e os netos, ao sentirem que os avós lhes reservam tempo, aumentam o seu sentido de importância. Na adolescência, devido a um maior interesse no contacto com os pares, a relação com os avós pode sofrer alterações (Cunha, 2008).

Os netos em idade adulta começam também eles a constituir a sua família, o que implica uma modificação na relação com os avós. Desta forma, a relação entre avós e netos muda quando os netos crescem, passando a precisar de menos cuidado ao começarem a estabelecer outras interações fora do seio familiar (Euler & Michalski, 2007; Mueller, Wilhelm & Elder, 2002).

A relação dos avós com os seus netos pode ser facilitada ou dificultada pelos progenitores destes (Mueller e Elder, 2003; Mueller, Wilhelm e Elder, 2002; Newman & Newman, 2012). A relação que os avós mantêm com os progenitores dos seus netos é muito importante visto que, muitas vezes, os netos mais jovens estão dependentes dos seus pais para contactarem com os seus avós. Uma boa relação entre os pais das crianças e os avós permite que estes possam manter uma relação próxima com os seus netos. Desta forma, é crucial a percepção que os pais têm da ajuda e apoio que tiveram dos seus próprios pais quando eram jovens. Michalski e Shackelford (2005) corroboram a ideia que a proximidade emocional com os netos está relacionada positivamente com a proximidade emocional com os progenitores dos netos.

O estudo de Muller, Wilhelm & Glen (2002) permitiu a categorização da relação entre avós e netos em 5 classes: influentes, apoiantes, passivos, orientados para a autoridade e desapegados.

Os avós influentes e apoiantes revelaram estar mais 13 envolvidos com os seus netos, o que estaria associado com o facto de terem menos netos, viverem mais próximos destes, terem um nível de escolaridade mais elevado e viverem em zonas rurais.

Os avós passivos e desapegados mostraram um menor envolvimento, associando-se ao maior número de netos, à distância geográfica dos mesmos, ao facto de serem avós paternos, existir pouco incentivo por parte dos filhos e viverem em meios urbanos. O mesmo estudo revela a importância do género sexual nas classes referidas. As avós revelaram ser menos orientadas para a autoridade. Quando têm uma neta, os avós tendem a ser mais orientados para a autoridade do que influentes ou apoiantes.

Os autores defendem que estes resultados vão ao encontro de estudos que indicam que as mulheres exercem menos autoridade e que as netas adolescentes estão mais sujeitas à autoridade que os netos adolescentes.

MÉTODO

Delineamento

Neste estudo usou-se um processo de amostragem não-probabilística, com o método de propagação geométrica - "snowball" de forma a obter sujeitos que reunissem os critérios de participação requeridos e que indicassem outros sujeitos (Maroco, 2007).

A metodologia escolhida para o desenvolvimento do estudo teve como base uma abordagem quantitativa de carácter exploratório.

É também de carácter correlacional pois permite-nos correlacionar variáveis (Ribeiro, 2007).

Participantes

Os participantes tiveram, como critério de inclusão no estudo, idade compreendida entre os 18 e os 26 anos de idade, ter nacionalidade portuguesa e o Português como língua materna.

O intervalo de idades, 18 aos 26 anos, teve em conta o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional dos jovens nesta fase, permitindo atividades e partilhas mais variadas com os avós, em comparação com jovens mais novos. Também as mudanças que ocorrem na relação entre avós e netos foram tidas em conta, quando os últimos têm mais autonomia e aumenta o seu interesse pelo estabelecimento de relações fora do seio familiar, essencialmente com os seus pares.

Esta amostra é ainda considerada homogénea representativa dado que consiste num conjunto de indivíduos que possuem uma variável comum, garantindo a amplitude da representação da mesma (Ribeiro, 2007). A participação foi voluntária e sem alguma contrapartida monetária ou compensatória.

A amostra do estudo é constituída por 520 indivíduos, 490 do género feminino e 30 do género masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos de idade ($M=21,18$ e $\sigma=0,117$). Em termos de escolarização concluída, 0,4% têm o 7º ano, 1,2% têm o 8º ano, 3,3% têm o 9º ano, 3,3% têm o 10º ano, 5,4% têm o 11º ano, 62,9% têm o 12º ano, e 18,7% e 5% têm a licenciatura e o mestrado respetivamente. Em termos de distrito de residência, 46,7% moram em Lisboa, 11,2% moram no Porto, 6% em Setúbal e os restantes 63,9% estão distribuídos pelos restantes distritos de Portugal.

Em termos de estado civil, temos 96,9% solteiros, 1,5% casados e 1,5% em união de facto. (Anexo E)

Material

Devido à inexistência de instrumentos apropriados para a recolha dos dados pretendidos, foram realizadas entrevistas pré teste a 7 sujeitos com idades compreendidas entre os 20 e os 26 anos de ambos os géneros feminino e masculino. A análise temática destas entrevistas, deu origem à escala de crenças sobre a relação avós-netos.

O protocolo de investigação foi constituído por dois questionários:

1. Questionário sociodemográfico

Foi elaborado um questionário sociodemográfico (Anexo C) no qual era pedido aos participantes que indicassem os seguintes dados: Idade, Género, Estado civil, Nível de escolaridade e Zona de residência (distrito).

Para além disto, deveriam indicar a frequência do contacto presencial e não presencial (ex. telefone, email, carta) com os avós.

2. Questionário de crenças da relação avós-netos

Foi elaborado um questionário para avaliar as crenças da relação entre avós e netos de jovens adultos (Anexo D), constituído por 30 afirmações tendo como base a revisão de literatura e os questionários pré teste efetuados (ANEXO A).

Pretendia-se que os participantes avaliassem o grau de concordância com crenças em relação aos avós e aos netos, através de uma escala do tipo Likert de cinco pontos variando de 1 ("Discordo Totalmente") a 5 ("Concordo Totalmente").

Antes do preenchimento do questionário foi dado aos participantes um consentimento informado (Anexo B) de forma a que estes tivessem informações suficientes sobre o projeto e os seus riscos e decidir participar ou não, livremente.

Procedimentos

Como qualquer pesquisa, esta depende também de uma pesquisa bibliográfica porque mesmo que existindo poucas referências sobre o assunto pesquisado, quase nenhuma pesquisa começa totalmente do zero. Haverá sempre obras, entrevistas e/ou pesquisas que ajudem o estudo.

O presente estudo foi elaborado em diferentes fases, numa primeira fase foi elaborada a escala de crenças com base nos questionários pré teste que foram aplicados a 7 indivíduos aleatórios com a condição de terem entre 18 e 26 anos de idade e terem o português como língua materna. Após a recolha dos questionários preenchidos procedeu-se à análise temática

destes, dando então origem à escala de crenças.

Numa segunda fase procedeu-se à recolha de dados através do preenchimento do questionário sociodemográfico e da escala de crenças disponibilizados na plataforma online Google Forms. Antes do preenchimento de qualquer dado foi disponibilizado um consentimento informado onde os participantes foram informados acerca do objetivo do estudo, dos responsáveis da investigação fornecendo o seu contato para possíveis dúvidas ou esclarecimentos, bem como o anonimato e confidencialidade dos dados, assumindo desta forma que o seu preenchimento indicava o consentimento da sua participação.

O link de acesso aos questionários foi distribuído por e-mail e redes sociais recorrendo ao método de propagação geométrica de forma a obter uma amostra de conveniência em “snow-ball” (Maroco, 2007).

O formato online foi escolhido com vista a abranger o maior número de sujeitos possíveis nas condições indicadas, garantindo mais rapidez na obtenção de respostas e maior facilidade no tratamento posterior dos dados. Para além disto, envolve menos custos comparativamente com outros métodos e os sujeitos podem responder em qualquer altura (Hunter, 2012; Riva, Teruzzi, Annolli, 2003; Sousa & Baptista, 2011).

Contudo, o formato online apresenta igualmente algumas desvantagens. Uma das desvantagens é a impossibilidade de controlo do ambiente em que o sujeito se encontra, não se podendo assegurar que todos os participantes têm as mesmas condições no preenchimento dos instrumentos. Os participantes não são representativos da população em geral, pelo carácter de auto-seleção nos estudos online, nem há forma de confirmar a sua identidade (Riva, Teruzzi, Annolli, 2003; Hunter, 2012). Há também a possibilidade de os sujeitos submeterem as respostas mais que uma vez, quer deliberadamente, quer por engano ao submeter os dados (Hunter, 2012). A indicação de instruções, o carácter obrigatório das respostas e o encaminhamento automático para a pergunta seguinte foram algumas das estratégias utilizadas para minimizar as respostas nulas e questionários inválidos.

Respetivamente à dimensão da amostra, seriam necessários 7 a 10 sujeitos por item (equivalente a um total de 210 a 300 inquéritos) (Pasquali, 2004), para este estudo foram recolhidos 520 questionários válidos.

Por fim, tendo-se atendido aos pré-requisitos, procedeu-se à validação psicométrica da escala. Esta contempla a avaliação do conjunto de pressupostos de sensibilidade, validade de constructo e fiabilidade. Para este efeito procedeu-se à análise descritiva (medidas de tendência central, medidas de dispersão, mínimos e máximos e medidas de achatamento), Análise Fatorial Exploratória (AFE - sobre a matriz de correlações, com extração de fatores

pelo método das componentes principais e rotação Varimax) e análise da consistência interna. A qualidade do modelo fatorial ajustado é avaliado através dos valores de referência descritos por Marôco (2014).

A terceira fase visa a descrição geral das crenças através da escala validada nas fases anteriores, tendo por base a análise descritiva precedente. Foram também elaborados alguns testes estatísticos para verificar correlações mais particulares.

Todos os testes e pesquisas foram elaborados com o software SPSS (v. 24).

RESULTADOS

Validação psicométrica da escala

Em primeiro lugar, são apresentados os dados inerentes à validação psicométrica da escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos. Neste sentido é apresentada a avaliação de um conjunto de pressupostos, nomeadamente a sensibilidade, a validade e a fiabilidade da escala. Assim, recorreu-se ao software SPSS (v.24), por forma a analisar a normalidade, Análise Fatorial Exploratória e o alpha de Cronbach.

Sensibilidade

A sensibilidade dos itens refere-se à capacidade que um item tem de discernir se esse mesmo item é bom ou não a discriminar sujeitos (Marôco,2010). Desta forma analisamos a assimetria (Skewness), que de acordo com Kline (1998), os valores devem estar entre $\{-3,3\}$ e o achatamento (Curtose) em que os valores absolutos devem estar entre $\{-7;7\}$. (Anexo F).

Por fim, analisamos o máximo e o mínimo de cada item, sendo que todos os itens devem ter respostas em todas as categorias, aceitando-se, pelo menos, itens com uma categoria sem resposta. Verificados os tópicos da sensibilidade dos itens e sendo que todos os valores estão dentro dos parâmetros necessários, não excluimos nenhum item prosseguimos com a análise.

Validade de constructo

A validade consiste na capacidade da escala avaliar o atributo psicológico pretendido, ou seja, o grau em que a evidência empírica e a teoria sustentam a interpretação dos resultados de um teste de forma consequente com os seus objetivos declarados. Por sua vez, a validade de constructo ou fatorial consiste na capacidade do teste avaliar com exatidão o atributo que se pretende medir (Marôco, 2010).

Neste caso, não existindo informação prévia sobre a estrutura fatorial, procedeu-se à Análise Fatorial Exploratória com o intuito de analisar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas e construir uma escala de medida para fatores intrínsecos que, de forma mais ou menos explícita, controlam as variáveis manifestas (Marôco, 2014).

A *matriz de correlação anti-imagem* e o *output das comunalidades* permite-nos perceber se os valores da diagonal principal se encontram acima de 0.5, o que assegura a não remoção de nenhum item nesta etapa do processo. Todos os valores abaixo devem ser removidos da amostra e a análise fatorial deve ser realizada novamente (Marôco, 2003). Verificamos que todos os itens corroboram esta condição, isto é, todos os valores são iguais ou superiores a 0.5 (Anexo G).

Por forma a verificar se as correlações entre as variáveis são elevadas o suficiente para que a AFE tenha utilidade, verificou-se o critério KMO que ao apresentar o valor de 0.914 indica uma excelente fatorabilidade da matriz de correlações, significando que a dimensão da amostra é adequada ao estudo pretendido (Marôco, 2014) (Anexo J).

Segundo Marôco (2014), em amostras superiores a 200 sujeitos, a utilização de um único critério pode levar à retenção de mais fatores do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente. Assim procedeu-se à rotação de fatores pelo método varimax e à estimação dos valores dos fatores pelo método Barlett em consonância com a percentagem de variância total explicada (superior a 50) e o Scree Plot (retenção do número de fatores até ao ponto de inflexão) (Anexo H). O primeiro critério sugeriu a retenção de 7 fatores que depois de analisado em conjunto com o Scree Plot sugeriu então a retenção de 3 ou 4 fatores e, depois de uma análise detalhada das duas possibilidades, optou-se pela retenção de 3 fatores por apresentar índices psicométricos mais adequados e possibilitar a identificação das crenças em cada fator (análise semântica).

A matriz de componente rotativa (Anexo I), permitiu avaliar a representação de cada item no modelo, sugerindo a exclusão de 11 itens por terem valores inferiores a 0,5 (item 2, 3, 4, 5, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 28). Estes itens foram excluídos, permitindo aumentar a variância total explicada sem afetar o modelo, por haver um número significativo de itens em cada fator que explicam de igual forma o constructo.

A *variância total explicada* por 3 fatores é de 58,8%, o que determina que é esta a percentagem que explica o constructo em estudo. Assim sendo, a restante percentagem é explicada por outros fatores. (Anexo J).

Em suma, a AFE permitiu a validação de uma escala com 19 itens numa estrutura relacional explicada por três fatores latentes.

Fiabilidade

A fiabilidade ou confiabilidade consiste na capacidade do teste medir de forma repetida e consistente um mesmo atributo nas mesmas condições (Marôco & Garcia-Marques, 2006). Neste caso é avaliada pelo alpha de cronbach, isto é, medida de consistência interna que tem por base as correlações médias entre os itens que constituem as dimensões, ponderada pelas respetivas variâncias. Este deve ser superior a 0.6, valor considerado aceitável por vários autores como Murphy e Davidsholder (Marôco & Garcia-Marques, 2006).

Assim, relativamente ao papel emocional e simbólico, este apresenta α de 0.926, sendo um valor excelente, o papel social apresenta α de 0.613 sendo aceitável e o papel instrumental apresenta α de 0.717, um valor bom (Pestana & Gageiro, 2003). (Anexo K).

Escala de Crenças sobre relações intergeracionais (versão jovens adultos)

No final da validação psicométrica da escala, esta acabou constituída por 19 itens divididos em 3 fatores, nomeadamente Emocional e Simbólico, Social e Instrumental.

Emocional e Simbólico

- Ser avó/avô é amar incondicionalmente
- Os netos têm de dar carinho aos seus avós
- Os avós são um apoio emocional indispensável
- Os avós revivem a experiência maternal/paternal nos netos
- Os avós transmitem sabedoria e conhecimento aos seus netos
- Os netos vêm os avós como figuras de proteção
- Os avós são determinantes na transmissão de valores e princípios
- Os avós são os segundos pais dos netos
- Os netos devem dar todo o carinho e atenção aos avós
- Os avós têm um papel fundamental na educação dos netos
- Avós e netos devem ajudar-se mutuamente
- Os netos ajudam os avós a manterem-se ativos e a sentirem-se úteis
- Os avós ensinam os netos a respeitar os mais velhos

Social

- Os netos têm mais cumplicidade com os seus avós do que com os seus pais
-

Os avós nunca devem repreender os seus netos
Os avós devem abdicar das suas atividades para cuidar dos netos
Os avós têm maior disponibilidade mental para os netos do que os pais

Instrumental

Os avós impõem menos regras aos netos que os pais
Os avós são mais permissivos que os pais para com os netos

Resultados

Nesta fase serão utilizados testes estatísticos para testar a correlação ente variáveis de forma a testar as hipóteses anteriormente referidas.

Para verificar se as crenças sobre as relações intergeracionais variam consoante o género, foi realizado um teste de correlação t-student para amostras independentes. O teste de Levene sugeriu a homogeneidade das variâncias ($p\text{-value} \leq 0.05$). Sendo que ambas as amostras são superiores a 30, não foi necessário verificar a normalidade.

Os resultados revelam haver diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e masculino ($t(518)=2,126$; $p=0.034$), na dimensão emocional e simbólica. O género feminino tem maior score nesta dimensão do que o género masculino ($M_{\text{feminino}}=4.48$; $SD=0.58$. vs. $M_{\text{masculino}}=4,24$; $SD=0.69$). Contudo, em termos de crenças relativas aos papéis instrumental e social, estas não se verificam. (Anexo L).

Quanto à segunda hipótese, o teste indicado para testar se as crenças sobre as relações intergeracionais variam consoante a frequência semanal com que os netos estão com os avós seria a ANOVA One Way. Quando verificada a homogeneidade das variâncias, este não passou na dimensão emocional e simbólica ($p\text{-value} \leq 0.00$), de forma que o teste seguinte a realizar seria o teste paramétrico robusto de Anova de Welch. Os resultados neste teste revelam que mais uma vez existem pelo menos um par de médias com diferenças significativas na dimensão emocional e simbólica ($F(4;173) =4,983$; $p=0.001$) (Anexo M).

Para averiguar quais as médias que diferem é realizado o teste de Tukey, onde pode-se verificar que na dimensão emocional e simbólica existem diferenças entre 0 e 2 vezes por semana, 0 e mais do que 3 vezes por semana e entre 2 e 1 vez por semana (Anexo M).

DISCUSSÃO

Alguns estudos apontam para diferenças nas relações estabelecidas entre os avós e os netos, consoante o género de ambos, indo de acordo com os resultados obtidos onde se verificaram diferenças estatisticamente significativas em termos de papéis emocionais e simbólicos. Isto pode ser justificado pelo fato das jovens numa idade recém adulta darem mais importância a um conjunto de características dos avós. Estas características dizem respeito às suas qualidades indulgentes (Kahana & Kahana, 1971) e promotoras de criatividade, realização, competência, estrutura e estabilidade (Timberlake, 1981).

Assim e, uma vez que as crenças remetem para a informação que o indivíduo dispõe em relação aos avós, seus e não só, estas serão inequivocamente influenciadas pelas prioridades da idade em que se encontram, sendo esta de mudança e descoberta.

As diferenças de género nos laços emocionais têm sido amplamente relatadas na literatura familiar (Adams, 1968; Kahana & Kahana, 1970). As mulheres são mais propensas a admitir proximidade à sua família. Esta descoberta não é surpreendente, dado o papel tradicional das mulheres como cuidadoras (Hill et al. 1970). As gerações da literatura familiar construíram um retrato da posição dominante das mulheres nos assuntos familiares; e uma geração de literatura de avós mostrou como esse domínio afeta as relações dos avós maternos e paternos com seus netos (Bahr & Nye, 1974)

Além disso, o género dos pais na geração intermédia deve influenciar ainda mais o relacionamento entre neto e avós. Porque as filhas tendem a ter laços emocionais mais próximos com seus pais do que os filhos (Adams, 1968; Aldous, 1985; Lopata, 1973), os netos tendem a estar mais perto dos avós maternos e particularmente mais perto das avós maternas, indo na mesma linha dos resultados obtidos.

Outras pesquisas descobriram que os netos mais novos percebem as avós como estando mais envolvidas nas suas vidas do que os avôs (Roberto & Stroes, 1992) e que são as avós, em vez dos avôs, que figuram mais frequentemente nas histórias e nas narrativas dos netos (Thompson, Itzin & Abendstern, 1990). Analisando estes autores, e como o presente estudo se foca em idades mais avançadas, é possível que as jovens adultas se revejam no papel de futura avó e espelhem as crenças emocionais de forma mais relevante do que os jovens do género masculino.

De acordo com o segundo teste realizado, e embora seja verdade que os níveis de associação entre os netos jovens adultos e os seus avós variam em toda a amostra, há evidências fortes de que a maioria dos netos manteve um alto grau de contato com seus

avós. Apesar dos pressupostos especulativos em contrário (Cherlin & Furstenberg, 1986), os sujeitos deste estudo não quebraram os vínculos com os seus avós como podemos confirmar em anexo (Anexo D).

Verifica-se que nesta amostra existe contacto presencial regularmente (26,2% estão com os avós 1x por semana, e 28,3% mais do que 3 vezes por semana, contra os 21,5% que estão menos do que 1 x por semana). Esta descoberta ecoa as conclusões de vários estudos anteriores (Hoffman 1979; Robertson 1975; Kennedy 1990) que se centram em netos jovens adultos e evidência a continuidade dos laços através de uma estrutura familiar estreita.

Relativamente à influência que a periodicidade com que os jovens estão com os avós tem nas crenças das diferentes dimensões, o presente estudo verificou que existem diferenças significativas em três pares de médias apenas na dimensão emocional e simbólica, nomeadamente entre os jovens que têm contacto menos que 1 vez por semana e os jovens que têm contacto duas vezes por semana; entre os jovens que os jovens que têm contacto menos que 1 vez por semana e mais do que três vezes por semana; e entre os jovens que vêm os avós 2 vezes e 1 vez por semana.

Os dados sugerem que uma grande proporção de netos jovens adultos mantêm contato com seus avós mais próximos regularmente. O nível de contato está associado a vários fatores. A proximidade física também pode ser significativa na frequência de contato entre as gerações.

Outra possível explicação para estes resultados poderá ser a ligação formada pela geração média, muitos dos jovens com as idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos ainda estão a morar em casa dos pais e, portanto, ainda fazem parte das rotinas de contacto estabelecidos por eles.

A importância da geração intermédia para as relações com os avós que foi mencionada em estudos anteriores (Hill et al. 1970; Hagestad & Burton 1986). Os pais que estão ativamente envolvidos com seus próprios pais preparam o caminho para o envolvimento entre as gerações cruzadas. Os pais de meia-idade que interagem regularmente com seus pais idosos fornecem modelos para seus próprios filhos.

O reconhecimento de uma revolução demograficamente induzida nas relações intergeracionais tem focado a atenção nos vínculos entre avós e netos. Dentro das restrições normativas da vida familiar, as relações das crianças pequenas com os avós estão vinculadas pelas estruturas criadas pelos seus pais. Os seus contactos são limitados pelos contactos entre os seus pais e os seus avós; A qualidade do seu relacionamento é definida pela qualidade do

relacionamento dos seus pais com os seus avós. A conexão é óbvia, decorrente da natureza dependente da infância.

Mas, à medida que a criança cresce até a idade adulta e atinge algum grau de independência, os pais não têm necessariamente o mesmo poder de ligar as gerações. As prescrições normativas ainda não existem. Os netos jovens adultos podem redefinir os relacionamentos que compartilham com seus avós. Este estudo concentrou-se em várias dimensões desses vínculos, sendo que existem duas gerações de adultos.

As conclusões aqui relatadas sugerem que os avós são mais do que meros símbolos de conhecimentos do passado para os seus netos adultos. A ligação do neto/avô continua com uma força surpreendente na idade adulta. Homens e mulheres relatam um contacto substancial com os seus avós, apesar das restrições de tempo colocadas pela escola, empregos, família e distância.

Algumas questões relativas ao vínculo neto/avô são levantadas pelos resultados. Sabendo que a força dos vínculos depende da idade, género, proximidade geográfica e envolvimento dos pais, é necessário avaliar cada um desses fatores para determinar a sua importância e de que forma eles interagem uns com os outros.

Além disso, é importante estudar a relevância de outros fatores, como a raça e a classe social, para determinar se eles afetam este relacionamento intergeracional. Crescer não significa o abandonar do papel de neto. Apesar de estudos anteriores relatarem o contrário, a evidência está visível, o que sugere vínculos duradouros e cumpridores entre as gerações.

REFERÊNCIAS

- Adams, B. N. (1968). Isolation, function, & beyond: American kinship in the 60's. *Journal of Marriage and the Family*, 4, 47-60.
- Adams, B. N. (1968). *Kinship in an Urban Setting*, Markham: Chicago.
- Ahrons, C. R. (1980). Divorce: A crisis of family transition and change. *Family Relations*, 29(4), 533-540.
- Ajzen, I., & Fisbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social Behavior*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (2000). Attitudes and the attitude-behavior relation: Reasoned and automatic processes. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European review of social psychology* (Vol. 11, pp. 1-33). Chichester, UK: Wiley. <http://dx.doi.org/10.1080/14792779943000116>
- Aldous, J. (1985). Parent-adult child relations as affected by the grandparent status. In V. Bengtson & J. Robertson (Eds.), *Grandparenthood*, Beverly Hills, CA: Sage.
- António, S. (2004). *Netos e Avós: A matrilinidade dos afetos*. Porto: Edições ASA.
- Attias-Donfut, C. (2001). The newgrandmother. *Ageing International*, 26(3-4), 58-63.
- Bahr, H. M. and Nye, F. Y. (1974). *The Kinship Role in a Contemporary Community: Perceptions of Obligations*
- Bandura, A. (1986). *Social Foundations Of Thought and Action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Barata, C. (2010). *Código civil e legislação complementar*. Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa.
- Barros, L. (1987). *Autoridade e afeto: Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Beland, R.M., & Mills, T.L.(2001). Positive portrayal of grandparents in current children's literature. *Journal of Family Issues*, 22(5), 639-651.
- Birren, J.E., & Schaie, K. W. (2001). *Handbook of the psychology of aging* (5th ed.). San Diego: Academic Press.
- Boudon, R. (1995). *Tratado de Sociologia*. Lisboa: Climepsi.
- Brazelton, T. & Sparrow, D. (2004). *A criança dos 3 aos 6 anos. O desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Camotim, V. (2004). *Estudo exploratório das relações entre avós e netos e o bem-estar psicológico na velhice*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de

Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life cycle: A framework for family therapy* (2.^a ed). Boston: Allyn e Bacon.
- Cherlin, A. & Furstenberg, F.F. Jr., (1986). *The New American Grandparent*, Basic Books, New York.
- Colarusso, C. (1998). Development and treatment in late adulthood. In G. Pollock e I. Greenspan (Eds.), *The course of life: Completing the journey*, vol. VII (pp. 285-317). Madison: International Universities Press.
- Cunha, B.M.R. (2008). *Significados da relação netos-avós e crenças acerca dos idosos: A perspectiva dos adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2004). *Statistics without maths for psychology: using SPSS for windows*. London: Prentice Hall.
- Danielsbacka, M. & Tanskanen, A. O. (2012). Adolescent grandchildren's perceptions of grandparents involvement in UK: an interpretation from life course and evolutionary theory perspective. *European Journal of Ageing*, 9, 329–341. doi: 10.1007/s10433-012-0240-x
- Dias, B. (2002). A influência dos avós nas dimensões social e familiar. *Revista Symposium*, 6, 34 – 38.
- Dias, C. & Silva, M. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55 – 62.
- D'Oliveira, T. (2005). *Teses e dissertações: recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Mafra: Editora, RH.
- Doyle, M., O'Dywer, C., & Timonen, V. (2010). "How can you just cut off a whole side of the family and say move on?" - The reshaping of paternal grandparent-grandchild relationships following divorce or separation in the middle generation. *Family Relations*, 59, 587 – 598. doi: 10.1111/j.1741-3729.2010.00625.x
- DPhil, S.H., Ruicheva, I. (2010): Grandmothers replacement parents and partners: The role of grandmotherhood in single parent families. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(3), 219-233.
- Drew, L.M., & Silverstein, M. (2007). Grandparents psychological well-Being after loss of contact with their grandchildren. *Journal of Family Psychology*, 2 (3), 372-379.
- Dubas, S. J. (2001). How gender moderates the grandparent-grandchild relationship: A comparison of kin-keeper and kin selector theories. *Journal of Family Issues*, 22(4),

- 478-492. Sage.
- Duque, C. (1999). *Atitudes & Comportamento*. <http://www.scribd.com/doc/2453422/Atitudes-e-Comportamento>
- Erikson, E. (1963) *Childhood and Society* (2nd ed). New York: Norton
- Erikson, E. (1959). *Identity and the life cycle: Selected papers*. Psychological issues.
- Erikson, E. (1982). *The life cycle completed*. New York: W. W. Norton & Company.
- Euler, H. A. & Michalski, R. (2007) Grandparental and extended kin relationships. In Salmon, C. & Shackelford, T. K. (Eds). *Family relationships: An evolutionary perspective*. Oxford University Press, Oxford, pp. 230–256.
- Even-Zohar, A. & Sharlin, S. (2009). Grandchildhood: Adult Grandchildren's Perception of Their Role towards Their Grandparents from an Intergenerational Perspective. *Journal of Comparative Family Studies*, 2, 155 – 167.
- Fazio, R. H., & Zanna, M. P. (1981). Direct experience and attitude-behaviour consistency. Em L. Berkowitz, *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press.
- Fernandes, A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social. Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, problemas e práticas*, 26, 39 – 52.
- Fernández-Ballesteros, R. (2009). *Envejecimiento activo: Contribuciones de la Psicología*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Ferreira, A. L. (2009). *A qualidade de vida em idosos em diferentes contextos habitacionais: a perspectiva do próprio e do seu cuidador*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). Belief, attitude, intention and behavior: *An introduction to theory and research*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento* (J.N. Almeida, Trad.). Lisboa: Climepsi.
- Fortin, Marie-Fabienne – *O Processo de Investigação: Da Conceção à Realização*. Loures: Lusociência, 1999. 351p. ISBN 972-8383-10-X.
- Gil, A.C. (2005). *Metodologia do Ensino Superior*, 4^a edição. Local: Editora Atlas.
- Gleitman, H.; Fridlund, A. J.; & Reisberg, D. (2003). *Psicologia* (6.a edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2009). *Psicologia* (8.^a ed.) (D.R. Silva, Trads.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes-Pedro, C. (2006). *O Papel dos Avós no Século XXI*. Universidade Católica: Edição da

CEPCEP .

- Hagestad, G. O. and Burton, L. M. (1986). Grandparenthood, Life Context, and Family Development, *American Behavioral Scientist*, 29, pp. 471-484.
- Hair, J. B., Babin, W., & B., A. R. (2009). *Multivariate Data Analysis*. New Jersey: Prentice Hall.
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. In: Povos e culturas. *Os avós como educadores* (Vol. 10; pp. 25-38). Lisboa: CEPCEP.
- Hayslip, B, Jr., Henderson, C, E., & Shore, R. J. (2003). The structure of grandparental role meaning. *Journal of Adult Development*, 10(1).
- Hetherington, E. M. (2003). Intimate pathways: Changing patterns in close personal relationships across time. *Family Relations*, 52(4), 318-331.
- Hill, M. e Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hill, R., Foote, N., Aldous, J., Carlson, R., and MacDonald, R. (1970). *Family Development in Three Generations*, Schenkman, Cambridge.
- Hoffman, E. (1979). Young Adults' Relations with Grandparents, *International Journal of Aging and Human Development*, 10, pp. 299-309.
- Hunter, L. (2012). Challenging the reported disadvantages of e-questionnaires and addressing methodological issues of online data collection. *Nurse researcher*, 20(1), 11-20.
- INE (2013). *Revista de Estudos Demográficos*, 50. Lisboa: INE.
- INE (2012). *Resultados definitivos dos Censos*. Acedido a Março, 2013, disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUE_Sdest_boui=107624784&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2
- Kahana, E. and Kahana, B. (1970). Grandparenthood from the Perspective of the Developing Grandchild, *Developmental Psychology*, 3, pp. 98-105.
- Kahana, E., & Kahana, B. (1971). Theoretical and Research Perspectives on Grandparenthood. *Aging and Human Development*, 2, 261-268.
- Kemp, C. L. (2007). Grandparent-grandchild ties: Reflections on continuity and change across three generations. *Journal of Family Issues*, 23, 855-881.
- Kennedy, G. E. (1990). College Students' Expectations of Grandparent and Grandchild Role Behaviors, *The Gerontologist*, 30, pp. 43-48.
- King, V. & Elder, G. H. (1995). American children view their grandparents: Linked lives across three rural generations. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 165-178.

- King, V., Elder, G.H. Jr. (1997). The legacy of grandparenting: childhood experiences with grandparents and current involvement with grandchildren. *Journal of Marriage and Family*, 59(4), 848-859.
- Kipper, C., & Lopes, R.S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22(1), 29-34.
- Kipper, D. & Lopes, S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1, 29 – 34.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling* (3.a ed.). New York: The Guilford Press.
- Kivnick, H. Q. (1982). Grandparenthood: An overview of meaning and mental health. *The Gerontologist*, 22, 59–66.
- Kornhaber, A. (1996). *Contemporary grandparenting*. New York: Sage Publications.
- Link, S. (2008). Socio-emotional development. *Research Starters Education*, 1-7.
- Lopata, H. Z. (1973). *Widowhood in an American city*. Cambridge, MA: Schenkman.
- Lumby, J. (2010). Grandparents and grandchildren: a grand connection. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 8, 28-31.
- MACEDO, Fabiana B. Famílias ludovicenses: um estudo sobre a transmissão dos valores culturais e familiares na perspectiva de avós e netos. *Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco 2007, 118p.
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90. doi: 10.14417/lp.763
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. (6a ed.) Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PAW Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda.
- Martins, R., & Vítor, P. (2010). *O direito dos avós às relações pessoais com os netos na jurisprudência recente*. Julgar, 10. Coimbra.
- McGowen, M.R., Ladd, L. & Strom, R. D. (2006). Online assessment of grandmother experience in raising grandchildren. *Educational Gerontology*, 32(8), 669-684.
- Michalski, R.L., & Shackelford, T. K. (2005). Grandparental investment as a function of

- relational uncertainty and emotional closeness with parents. *Human Nature*, 16(3), 293-305.
- Moscovici, S. (2001). *Psychologie Sociale des Relations à Autrui*. Paris: Nathan.
- Mueller, M., Wilhelm, B. & Elder, G. (2002). Variations in grandparenting. *Research on Aging*, 3, 360 - 388. doi: 10.1177/0164027502243004
- Mueller, M. M., & Elder, G. H. Jr. (2003). Family Contingencies Across the generations: grandparent-grandchild relationships in holistic perspective. *Journal of Marriage and Family*, 65, 404–417.
- Mueller, M. M., Wilhelm, B. & Elder, G. H. Jr. (2002). Variations in grandparenting, *Research on Aging*, 24(3), 360-388.
- Neugarten, B. L., & Weinstein, K. K. (1964). The changing American grandparent. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 199-204.
- Newman, B.M., & Newman, P.R. (2012). *Life-span development: A psychosocial approach* (11th ed.). Wadsworth.
- Novo, R. F. (2003). *Para além da Eudaimonia: O Bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Oliveira, B. (2010). *Psicologia do envelhecimento e do idoso* (4.^a ed.).Porto: Livpsic.
- Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas com sus nietos y nietas en la infancia. *Revista Multidisciplinar Gerontologia*, 16-25.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual. A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (Version 12). Australia: Allen & Unwin
- Pasquali, L. (2004). *Análise fatorial para pesquisadores*. Petrópolis: Vozes.
- Pestana, M. H.; & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de Dados para Ciências Sociais- A Complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Pinto, S. (1989). *Avós e Netos*. Porto: Edição da Escola de Pais Nacional.
- Pires, M. F. F. (2010). *Presença e papel dos avós: Estudo de caso*. Dissertação de mestrado. Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.Retirado de <http://hdl.handle.net/10773/3601>
- Pordata (2010). Acedido a Abril, 2013. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Portugal>
- Ramos, C. (2012). Morando com os meus avós. *Pedagogia e Saberes*, 37, 119 – 131.
- Riva, G.R., Teruzzi, T., & Anolli, L. (2003). The use of the internet in psychological

- research: Comparison of online and offline questionnaires. *Cyberpsychology & Behavior*, 6, 73-80.
- Ribeiro, J. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia da saúde*. (3.a ed.). Porto: Legis.
- Roberto, K. A. and Stroes, J. 1992 ‘Grandchildren and Grandparents: Roles, Influences, and Relationships’, *International Journal of Aging and Human Development* 34(3): 227-239.
- Robertson, J. (1975). Interactions in Three Generation Families, *International Journal of Aging and Development*, 6, pp. 103-109.
- Rodrigues, P. (2008). *Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ross, N., Hill, M., Sweeting, H., & Cunningham-Burley, S. (2003). *Grandparents and teen grandchildren: Exploring intergenerational relationships*. Glasgow: Centre for Research on Families and Research.
- Salisch, M.V. (2001). Children’s emotional development: Challenges in their relationships to parents, peers, and friends. *International Journal of Behavioral Development*, 25(4), 310–319.
- Sampaio, D. (2008). *A Razão dos Avós*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sands, R., Goldberg-Glen, R. & Shin, H. (2009). The Voices of Grandchildren of Grandparent Caregivers: A Strengths-Resilience Perspective. *Child Welfare*, 2, 25 – 45.
- Schmidt, C. (2007). *As Relações entre Avós e Netos*. *Dissertação de Mestrado em Educação*. Universidade de Portalegre.
- Smith, P., & Drew, M. (2002). *Grandparenthood*. In M. Bornstein. *Handbook of parenting: Vol. 3. Being and becoming a parent* (2nd ed.) (pp.141–172). Mahwah, NJ.
- Smith, P. K., & Drew, L. M. (2004). Grandparenting and extended support networks. In *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 146-159). Thousand Oaks, Ca: Sage.
- Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família*. Âmbar: Porto.
- Sousa, L. (2006). Avós e netos: Uma relação afetiva, uma relação de afetos. In: *Povos e culturas. Os avós como educadores* (Vol. 10; pp. 39-50). Lisboa: CEPCEP.
- Sousa, L. & Oliveira, M. (2006). Povos e Culturas: Os avós como educadores. CEPCEP – *Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa*. Universidade Católica Portuguesa.

- Sousa, M. J., Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor- Edições de Ciências Sociais e Política e Contemporânea.
- Stelle, C., Fruhauf, C.A., Orel, N., & Landry-Meyer, L. (2010). Grandparenting in the 21st century: issues of diversity in grandparent-grandchildren relationships. *Journal of Gerontological Social Work*, 53, 682-701.
- Taylor, A. C., Robila, M., & Lee, H. S. (2005). Distance, contact and intergenerational relationships: grandparents and adult grandchildren from an international perspective. *Journal of Adult Development*, 1, 33 – 41. doi: 10.1007/s10804- 005-1280
- Thiele, D. M., & Whelan, T. A. (2006). The nature and dimensions of the grandparent role. *Marriage & Family Review*, 40(1), 93–108. Timonen, V., Doyle, M., & O’
- Thompson, P., Itzin, C. and Abendstern (1990). *I Don’t Feel Old: The Experience of Late Life*, Oxford: *Oxford University Press*.
- Timberlake, E. M. (1981). The Value of Grandchildren to Grandmothers. *Journal of Gerontological Social Work*, 3 (1), 63-76.
- Triadó, C., & Villar, F. (2000). El rol de abuelo: cómo perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. *Revista Española de Geriatria y Gerontologia*, 35, 30- 36.
- Triadó, C., Martinez, G. & Villar, F. (2002). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuário de Psicologia*, 2, 107 – 118.
- Veleda, A., Neves, E., Baisch, P., Santos, F. & Soares, B. (2006). Os significados e as contribuições da convivência entre os avós e os netos para o desenvolvimento da criança. *Psicológica*, 4, 27 – 40.
- Vergara, S. C.(2000). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3ª Edição, São Paulo: Atlas
- Watson, J. A. (1997). Grandmothering across the lifespan. *Journal of Gerontological Social Work*, 28(4), 45-62.
- Wood, S. & Liopsis, P. (2007). Potentially stressful life events and emotional closeness between grandparents and adult grandchildren. *Journal of Family Issues* (3), 380-398.

ANEXOS

ANEXO A - Guião para entrevista semiestruturada em profundidade

O que é para si ser avó/avô?

E ser neto?

Que características considera importantes que um/a avó/ô deveria ter?

E os netos?

Quais as funções que um avô/ó desempenha na vida dos netos? Quais os benefícios para uns e para outros?

Qual a periodicidade de interação considera ideal entre avos e netos? (Durante quanto tempo, de quanto em quanto tempo, etc.) Porque?

Quais as vantagens desta relação para os netos, os avos e a família, respetivamente?

Acha que os netos deveriam ir para uma creche ou despende esse tempo com os avos? Quais os benefícios e prejuízos que isso poderia trazer para os netos e/ou avós?

Quais as vantagens/desvantagens de uma interação diária entre os avos e os netos?

Em termos emocionais, qual a influencia desta relação para ambas as partes?

E em termos sociais e simbólicos?

Na sua opinião, qual o papel dos netos na vida dos avos?

E dos avos na vida dos netos?

Os seus avos/pais/netos vivem perto ou longe de si?

(se vivem longe) Quais acha que seriam as diferenças de interação se vivesse mais perto dos seus avos/netos/pais?

(se vivem perto) Quais acha que seriam as diferenças de interação se vivesse mais longe dos seus avos/netos/pais?

A longo prazo acha que a interação avos netos influencia o crescimento e o desenvolvimento dos netos? De que forma?

ANEXO B – Consentimento Informado

Este estudo insere-se num projeto de investigação no âmbito de um Mestrado em Psicologia, a decorrer no ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Isabel Leal.

Solicita-se a sua participação, através da resposta a um questionário acerca das Crenças sobre a relação avós-netos. O tempo de participação é de cerca de 5 minutos. O seu anonimato será mantido, não sendo pedido nenhum elemento identificativo. Não se antecipam riscos relacionados com a participação no presente estudo.

Os resultados são absolutamente confidenciais e apenas serão comunicados ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, de modo agregado, e não nominativo.

Ao prosseguir, estará a declarar que leu, compreendeu e concordou com as indicações acima referidas, e que aceita colaborar livre e voluntariamente nesta investigação. Poderá interromper o preenchimento do questionário a qualquer momento. Para qualquer questão relacionada com este estudo poderá contactar-me através do email carlotakongmatos@gmail.com.

Muito obrigada pela sua colaboração neste estudo!

Carlota Kong Matos.

ANEXO C – Questionário Sociodemográfico

1. Idade

- 1.1. 16
- 1.2. 17
- 1.3. 18
- 1.4. 19
- 1.5. 20
- 1.6. 21
- 1.7. 22
- 1.8. 23
- 1.9. 24
- 1.10. 25
- 1.11. 26

2. Sexo

- 2.1. Feminino
- 2.2. Masculino

3. Estado civil

- 3.1. Solteiro
- 3.2. Casado
- 3.3. Divorciado
- 3.4. União de Facto

4. Nível de escolaridade

- 4.1. 8 Ano
- 4.2. 9 Ano
- 4.3. 10 Ano
- 4.4. 11 Ano
- 4.5. 12 Ano
- 4.6. Licenciatura
- 4.7. Mestrado
- 4.8. Doutoramento

5. Zona de residência (distrito):

- 5.1. Coimbra
- 5.2. Lisboa

- 5.3. Porto
- 5.4. Açores
- 5.5. Aveiro
- 5.6. Beja
- 5.7. Braga
- 5.8. Bragança
- 5.9. Castelo Branco
- 5.10. Coimbra
- 5.11. Évora
- 5.12. Faro
- 5.13. Leiria
- 5.14. Lisboa
- 5.15. Madeira
- 5.16. Portalegre
- 5.17. Porto
- 5.18. Santarém
- 5.19. Sesimbra
- 5.20. Setúbal
- 5.21. Viana do Castelo
- 5.22. Vila Real
- 5.23. Viseu
- 5.24. Outro: _____

6. Quantos dias por semana mantém contacto não presencial (ex. telefone, e-mail, carta, etc.)

com o(a) seu(sua) avô(ó)?

- 6.1. Menos de 1x por mês
- 6.2. 1x por mês
- 6.3. 1x de duas em duas semanas
- 6.4. 1x por semana
- 6.5. mais que 1x por semana

7. Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?

- 7.1. 0
- 7.2. 1
- 7.3. 2
- 7.4. 3

7.5. Mais que 3

ANEXO D – Escala de Crenças da Relação Avós-Netos (30 itens)

	1	2	3	4	5
Ser avó/avô é amar incondicionalmente					
Ser avó/avô é mimar					
Os avós têm de ser dinâmicos com os seus netos					
Os avós têm de ser compreensivos com os seus netos					
Os netos têm de dar atenção aos seus avós					
Os netos têm de dar carinho aos seus avós					
Os avós são um apoio emocional indispensável					
Os avós revivem a experiência maternal/paternal nos netos					
Os avós transmitem sabedoria e conhecimento aos seus netos					
Os netos vêm os avós como figuras de proteção					
Os netos devem ficar com os avós em vez de ir para a creche					
Os avós são determinantes na transmissão de valores e princípios					
Os avós são os segundos pais dos netos					
Ser avó/avô é cuidar quando os pais não podem					
Os netos não devem passar mais tempo com os avós do que o que passam com os pais					
Os netos são uma companhia para os avós contra a solidão					
Os avós têm mais disponibilidade para brincar com os netos do que os pais					
Os netos devem dar todo o carinho e atenção aos avós					
Os avós têm um papel fundamental na educação dos netos					
Os netos têm mais cumplicidade com os seus avós do que com os seus pais					
Avós e netos devem ajudar-se mutuamente					
Os netos ajudam os avós a manterem-se ativos e a sentirem-se úteis					
Os avós têm um papel de cuidadores dos netos					
Os avós ensinam os netos a respeitar os mais velhos					
Os avós impõem menos regras aos netos que os pais					
Os avós nunca devem repreender os seus netos					

Os avós devem abdicar das suas atividades para cuidar dos netos

O contacto dos avós com os seus netos permite que tradições se perpetuem

Os avós têm maior disponibilidade mental para os netos do que os pais

Os avós são mais permissivos que os pais para com os netos

ANEXO E – Estatística Descritiva da Amostra

Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	490	94,2	94,2	94,2
	Masculino	30	5,8	5,8	100,0
	Total	520	100,0	100,0	

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	18	113	21,7	21,7	21,7
	19	64	12,3	12,3	34,0
	20	73	14,0	14,0	48,1
	21	52	10,0	10,0	58,1
	22	54	10,4	10,4	68,5
	23	40	7,7	7,7	76,2
	24	45	8,7	8,7	84,8
	25	28	5,4	5,4	90,2
	26	51	9,8	9,8	100,0
	Total	520	100,0	100,0	

Idade

N	Valid	520
	Missing	0
Mean	21,18	
Std. Deviation	,117	
Median	21,00	
Minimum	18	
Maximum	26	

Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casado	8	1,5	1,5	1,5
	Solteiro	504	96,9	96,9	98,5
	União de Facto	8	1,5	1,5	100,0
	Total	520	100,0	100,0	

Escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10 Ano	17	3,3	3,3	3,3
	11 Ano	28	5,4	5,4	8,7
	12 Ano	327	62,9	62,9	71,5
	7 ano	2	,4	,4	71,9
	8 Ano	6	1,2	1,2	73,1
	9 Ano	17	3,3	3,3	76,3
	Licenciatura	97	18,7	18,7	95,0
	Mestrado	26	5,0	5,0	100,0
	Total	520	100,0	100,0	

Zona de residência (distrito)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Coimbra	1	,2	,2	,2
	Lisboa	1	,2	,2	,4
	Porto	1	,2	,2	,6
	Açores	8	1,5	1,5	2,1
	Aveiro	12	2,3	2,3	4,4
	Beja	9	1,7	1,7	6,2
	Braga	17	3,3	3,3	9,4
	Bragança	5	1,0	1,0	10,4
	Brasil	1	,2	,2	10,6
	Castelo Branco	5	1,0	1,0	11,5
	Coimbra	22	4,2	4,2	15,8

Évora	12	2,3	2,3	18,1
Faro	9	1,7	1,7	19,8
Leiria	26	5,0	5,0	24,8
Lisboa	243	46,7	46,7	71,5
Madeira	7	1,3	1,3	72,9
Moçambique	1	,2	,2	73,1
Portalegre	2	,4	,4	73,5
Porto	58	11,2	11,2	84,6
Santarém	14	2,7	2,7	87,3
Sesimbra	1	,2	,2	87,5
Setúbal	31	6,0	6,0	93,5
Viana do Castelo	5	1,0	1,0	94,4
Vila Real	3	,6	,6	95,0
Viseu	26	5,0	5,0	100,0
Total	520	100,0	100,0	

Quantos dias por semana mantém contacto não presencial (ex. telefone, e-mail, carta, etc) com o(a) seu(sua) avô(ó)?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1x de duas em duas semanas	52	10,0	10,0	10,0
1x por mês	36	6,9	6,9	16,9
1x por semana	97	18,7	18,7	35,6
mais que 1x por semana	232	44,6	44,6	80,2
Menos de 1x por mês	103	19,8	19,8	100,0
Total	520	100,0	100,0	

Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	112	21,5	21,5	21,5
1	136	26,2	26,2	47,7
2	91	17,5	17,5	65,2
3	34	6,5	6,5	71,7
mais que 3	147	28,3	28,3	100,0
Total	520	100,0	100,0	

ANEXO F – Sensibilidade dos Itens

	N		Mean	Median	Skewness	Std. Error of Skewness	Kurtosis	Std. Error of Kurtosis	Minimum	Maximum
	Valid	Missing								
Ser avó/avô é amar incondicionalmente	520	0	4,51	5	-2,079	0,107	4,614	0,214	1	5
Ser avó/avô é mimar	520	0	4,27	5	-1,269	0,107	1,208	0,214	1	5
Os avós têm de ser dinâmicos com os seus netos	520	0	4,05	4	-0,68	0,107	-0,077	0,214	1	5
Os avós têm de ser compreensivos com os seus netos	520	0	4,32	4	-0,977	0,107	0,604	0,214	1	5
Os netos têm de dar atenção aos seus avós	520	0	4,75	5	-2,195	0,107	4,662	0,214	2	5
Os netos têm de dar carinho aos seus avós	520	0	4,76	5	-2,138	0,107	4,199	0,214	2	5
Os avós são um apoio emocional indispensável	520	0	4,28	5	-1,39	0,107	1,214	0,214	1	5
Os avós revivem a experiência maternal/paternal nos netos	520	0	4,17	4	-1,317	0,107	1,321	0,214	1	5
Os avós transmitem sabedoria e conhecimento aos seus netos	520	0	4,62	5	-2,063	0,107	5,075	0,214	1	5
Os netos vêm os avós como figuras de protecção	520	0	4,36	5	-1,499	0,107	1,933	0,214	1	5
Os netos devem ficar com os avós em vez de ir para a creche	520	0	2,81	3	0,206	0,107	-0,877	0,214	1	5

Os avós são determinantes na transmissão de valores e princípios	520	0	4,31	5	-1,31	0,107	1,25	0,214	1	5
Os avós são os segundos pais dos netos	520	0	4,27	5	-1,528	0,107	1,81	0,214	1	5
Ser avó/avô é cuidar quando os pais não podem	520	0	3,9	4	-0,98	0,107	0,271	0,214	1	5
Os netos não devem passar mais tempo com os avós do que o que passam com os pais	520	0	3,04	3	-0,019	0,107	-0,736	0,214	1	5
Os netos são uma companhia para os avós contra a solidão	520	0	4,53	5	-1,907	0,107	4,386	0,214	1	5
Os avós têm mais disponibilidade para brincar com os netos do que os pais	520	0	3,65	4	-0,578	0,107	-0,254	0,214	1	5
Os netos devem dar todo o carinho e atenção aos avós	520	0	4,5	5	-1,842	0,107	3,869	0,214	1	5
Os avós têm um papel fundamental na educação dos netos	520	0	4,23	4	-1,281	0,107	1,408	0,214	1	5
Os netos têm mais cumplicidade com os seus avós do que com os seus pais	520	0	2,79	3	0,17	0,107	-0,627	0,214	1	5
Avós e netos devem ajudar-se mutuamente	520	0	4,64	5	-1,956	0,107	4,917	0,214	1	5

Os netos ajudam os avós a manterem-se ativos e a sentirem-se úteis	520	0	4,52	5	-1,579	0,107	2,933	0,214	1	5
Os avós têm um papel de cuidadores dos netos	520	0	3,42	4	-0,419	0,107	-1,13	0,214	1	5
Os avós ensinam os netos a respeitar os mais velhos	520	0	4,4	5	-1,502	0,107	2,197	0,214	1	5
Os avós impõem menos regras aos netos que os pais	520	0	3,56	4	-0,56	0,107	-0,401	0,214	1	5
Os avós nunca devem repreender os seus netos	520	0	1,42	1	2,471	0,107	6,598	0,214	1	5
Os avós devem abdicar das suas atividades para cuidar dos netos	520	0	1,59	1	1,699	0,107	3,261	0,214	1	5
O contacto dos avós com os seus netos permite que tradições se perpetuem	520	0	4,19	4	-1,017	0,107	1,026	0,214	1	5
Os avós têm maior disponibilidade mental para os netos do que os pais	520	0	2,99	3	0,04	0,107	-0,706	0,214	1	5
Os avós são mais permissivos que os pais para com os netos	520	0	3,63	4	-0,637	0,107	-0,113	0,214	1	5

ANEXO G – Matriz de Correlações Anti-Imagem e Output das Comunalidades

Anti image correlation

Ser avó/avô é amar incondicionalmente	,945 ^a
Os netos têm de dar atenção aos seus avós	,875 ^a
Os netos têm de dar carinho aos seus avós	,865 ^a
Os avós são um apoio emocional indispensável	,951 ^a
Os avós transmitem sabedoria e conhecimento aos seus netos	,951 ^a
Os netos vêem os avós como figuras de protecção	,949 ^a
Os avós são determinantes na transmissão de valores e princípios	,930 ^a
Os avós são os segundos pais dos netos	,945 ^a
Os netos devem dar todo o carinho e atenção aos avós	,949 ^a
Os avós têm um papel fundamental na educação dos netos	,930 ^a
Os netos têm mais cumplicidade com os seus avós do que com os seus pais	,904 ^a
Avós e netos devem ajudar-se mutuamente	,956 ^a
Os netos ajudam os avós a manterem-se ativos e a sentirem-se úteis	,963 ^a
Os avós ensinam os netos a respeitar os mais velhos	,961 ^a
Os avós impõem menos regras aos netos que os pais	,683 ^a

Os avós nunca devem repreender os seus netos	,638 ^a
Os avós devem abdicar das suas atividades para cuidar dos netos	,638 ^a
Os avós têm maior disponibilidade mental para os netos do que os pais	,888 ^a
Os avós são mais permissivos que os pais para com os netos	,700 ^a

a. Measures of Sampling Adequacy(MSA)

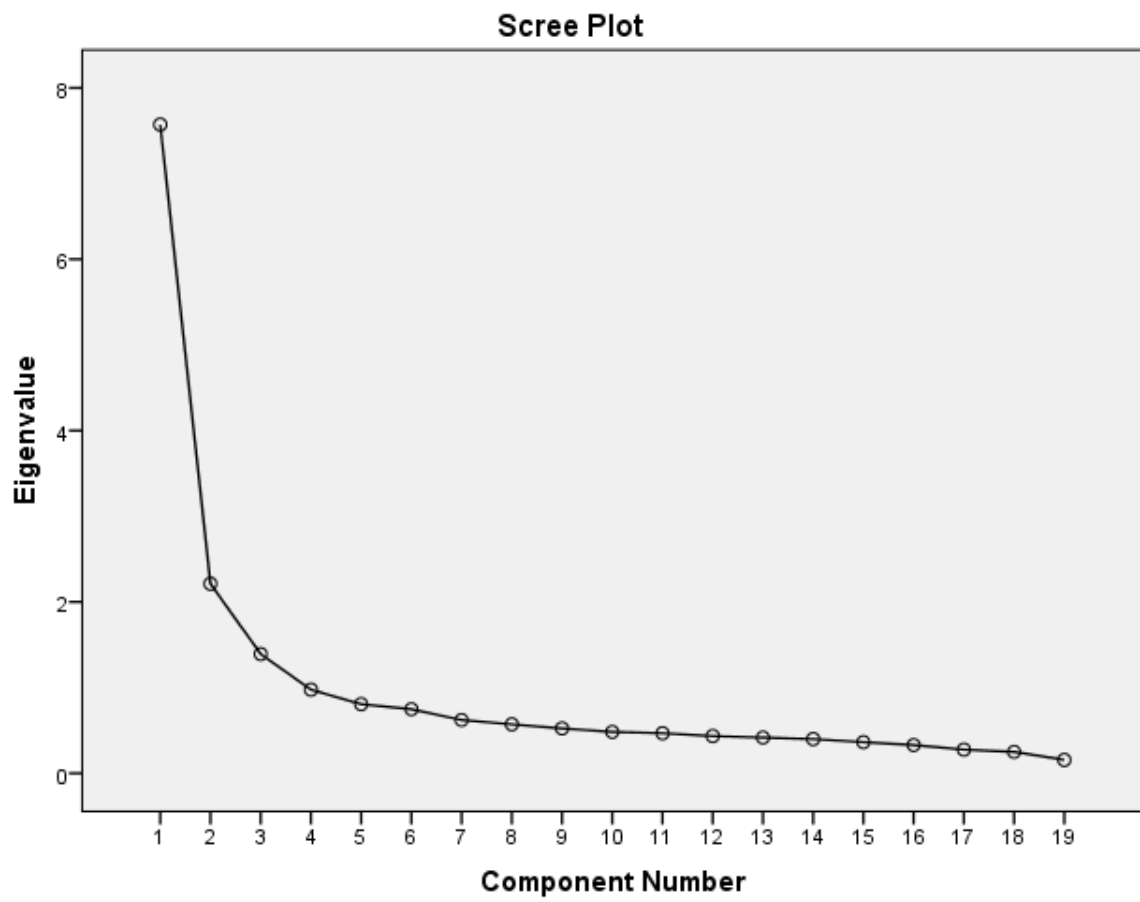
Communalities

	Initial	Extraction
Ser avó/avô é amar incondicionalmente	1,000	,475
Os netos têm de dar atenção aos seus avós	1,000	,621
Os netos têm de dar carinho aos seus avós	1,000	,602
Os avós são um apoio emocional indispensável	1,000	,637
Os avós transmitem sabedoria e conhecimento aos seus netos	1,000	,610
Os netos vêm os avós como figuras de protecção	1,000	,602
Os avós são determinantes na transmissão de valores e princípios	1,000	,623
Os avós são os segundos pais dos netos	1,000	,553
Os netos devem dar todo o carinho e atenção aos avós	1,000	,549
Os avós têm um papel fundamental na educação dos netos	1,000	,668
Os netos têm mais cumplicidade com os seus avós do que com os seus pais	1,000	,497
Avós e netos devem ajudar-se mutuamente	1,000	,523
Os netos ajudam os avós a manterem-se ativos e a sentirem-se úteis	1,000	,505
Os avós ensinam os netos a respeitar os mais velhos	1,000	,554
Os avós impõem menos regras aos netos que os pais	1,000	,728
Os avós nunca devem repreender os seus netos	1,000	,601
Os avós devem abdicar das suas atividades para cuidar dos netos	1,000	,638
Os avós têm maior disponibilidade mental para os netos do que os pais	1,000	,446

Os avós são mais permissivos que os pais para com os netos	1,000	,743
--	-------	------

Extraction Method: Principal Component Analysis.

ANEXO H – Scree-Plot



ANEXO I – Matriz de Componente Rotativa

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Ser avó/avô é amar incondicionalmente	,662	,141	,143
Ser avó/avô é mimar	,493	,121	,346
Os avós têm de ser dinâmicos com os seus netos	,234	,158	,394
Os avós têm de ser compreensivos com os seus netos	,362	-,027	,437
Os netos têm de dar atenção aos seus avós	,773	-,072	,155
Os netos têm de dar carinho aos seus avós	,763	-,100	,130
Os avós são um apoio emocional indispensável	,727	,266	-,052
Os avós revivem a experiência maternal/paternal nos netos	,526	,227	,159
Os avós transmitem sabedoria e conhecimento aos seus netos	,763	,106	,016
Os netos vêm os avós como figuras de protecção	,725	,226	,009
Os netos devem ficar com os avós em vez de ir para a creche	,262	,574	-,065
Os avós são determinantes na transmissão de valores e princípios	,669	,370	-,100
Os avós são os segundos pais dos netos	,665	,365	,080
Ser avó/avô é cuidar quando os pais não podem	,323	,386	,269
Os netos não devem passar mais tempo com os avós do que o que passam com os pais	-,322	,002	,318
Os netos são uma companhia para os avós contra a solidão	,544	,125	,250
Os avós têm mais disponibilidade para brincar com os netos do que os pais	,255	,494	,203
Os netos devem dar todo o carinho e atenção aos avós	,720	,073	,115
Os avós têm um papel fundamental na educação dos netos	,707	,388	-,058
Os netos têm mais cumplicidade com os seus avós do que com os seus pais	,277	,684	-,017
Avós e netos devem ajudar-se mutuamente	,709	,053	,082
Os netos ajudam os avós a manterem-se ativos e a sentirem-se úteis	,668	,065	,270
Os avós têm um papel de cuidadores dos netos	,323	,485	,075
Os avós ensinam os netos a respeitar os mais velhos	,707	,187	,106
Os avós impõem menos regras aos netos que os pais	,037	,161	,738

Os avós nunca devem repreender os seus netos	-,322	,548	,167
Os avós devem abdicar das suas atividades para cuidar dos netos	-,214	,670	,158
O contacto dos avós com os seus netos permite que tradições se perpetuem	,445	,250	,080
Os avós têm maior disponibilidade mental para os netos do que os pais	,178	,567	,236
Os avós são mais permissivos que os pais para com os netos	,066	,158	,701

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.^a

ANEXO J – Variância Total Explicada e KMO

Total Variance Explained									
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	7,572	39,851	39,851	7,572	39,851	39,851	7,356	38,714	38,714
2	2,212	11,643	51,494	2,212	11,643	51,494	2,066	10,872	49,586
3	1,392	7,327	58,822	1,392	7,327	58,822	1,755	9,236	58,822
4	,976	5,137	63,959						
5	,806	4,244	68,203						
6	,748	3,937	72,140						
7	,622	3,273	75,413						
8	,571	3,007	78,420						
9	,524	2,758	81,178						
10	,483	2,543	83,722						
11	,467	2,460	86,182						
12	,434	2,286	88,468						
13	,416	2,191	90,658						
14	,399	2,100	92,758						
15	,363	1,913	94,671						
16	,330	1,738	96,409						
17	,276	1,453	97,862						
18	,250	1,316	99,178						
19	,156	,822	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

KMO and Bartlett's Test		
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,914
	Approx. Chi-Square	5030,518
Bartlett's Test of Sphericity	df	171
	Sig.	,000

ANEXO K – Fiabilidade das Dimensões

Dimensão Emocional e Simbólica

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,926	13

Dimensão Social

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,631	4

Dimensão Instrumental

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,717	2

ANEXO L – Correlação entre Idade vs Crenças

T-Test

Group Statistics

	Género	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Emocional_Simbólica	Feminino	490	4,4849	,58446	,02640
	Masculino	30	4,2487	,68733	,12549
Social	Feminino	490	2,2056	,71085	,03211
	Masculino	30	2,0750	,58039	,10596
Instrumental	Feminino	490	3,5980	,98433	,04447
	Masculino	30	3,5500	1,15482	,21084

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Emocional_Simbólica	Equal variances assumed	1,846	,175	2,126	518	,034	,23621	,11110	,01795	,45447
	Equal variances not assumed			1,842	31,621	,075	,23621	,12824	,02512	,49754
Social	Equal variances assumed	,929	,336	,986	518	,325	,13061	,13244	,12958	,39081
	Equal variances not assumed			1,180	34,554	,246	,13061	,11072	,09427	,35550
Instrumental	Equal variances assumed	2,917	,088	,256	518	,798	,04796	,18707	,31956	,41548
	Equal variances not assumed			,223	31,634	,825	,04796	,21548	,39116	,48708

ANEXO M – Correlação entre Frequência de Contacto vs Crenças

Oneway

Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence		Mini mum	Maximu m
						Interval for Mean			
						Lower Bound	Upper Bound		
Emocional _Simbólica	0	112	4,3166	,76658	,07243	4,1731	4,4602	1,46	5,00
	1	136	4,4163	,60304	,05171	4,3140	4,5186	2,38	5,00
	2	91	4,6433	,41874	,04390	4,5561	4,7305	3,23	5,00
	3	34	4,4706	,48011	,08234	4,3031	4,6381	3,62	5,00
	mais que 3	147	4,5338	,51185	,04222	4,4503	4,6172	2,38	5,00
	Total	520	4,4713	,59269	,02599	4,4202	4,5224	1,46	5,00
Social	0	112	2,1250	,69749	,06591	1,9944	2,2556	1,00	5,00
	1	136	2,1783	,62576	,05366	2,0722	2,2844	1,00	4,25
	2	91	2,2033	,69912	,07329	2,0577	2,3489	1,00	5,00
	3	34	2,0147	,49978	,08571	1,8403	2,1891	1,00	3,00
	mais que 3	147	2,3112	,80484	,06638	2,1800	2,4424	1,00	5,00
	Total	520	2,1981	,70417	,03088	2,1374	2,2587	1,00	5,00
Instrument al	0	112	3,6563	,92520	,08742	3,4830	3,8295	1,00	5,00
	1	136	3,6103	,91021	,07805	3,4559	3,7647	1,00	5,00
	2	91	3,5604	1,09249	,11452	3,3329	3,7880	1,00	5,00
	3	34	3,8382	,88524	,15182	3,5294	4,1471	2,00	5,00
	mais que 3	147	3,5000	1,07429	,08861	3,3249	3,6751	1,00	5,00
	Total	520	3,5952	,99376	,04358	3,5096	3,6808	1,00	5,00

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Emocional_Simbólica	7,927	4	515	,000
Social	1,488	4	515	,204
Instrumental	2,243	4	515	,063

Robust Tests of Equality of Means

		Statistic ^a	df1	df2	Sig.
Emocional_Simbólica	Welch	4,983	4	173,187	,001
Social	Welch	2,082	4	178,640	,085
Instrumental	Welch	1,053	4	171,514	,381

a. Asymptotically F distributed.

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?	(J) Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval		
						Lower Bound	Upper Bound	
Emocional_Simbólica	0	1	-,09967	,07459	,669	-,3038	,1045	
		2	-,32666*	,08249	,001	-,5525	-,1008	
		3	-,15397	,11445	,663	-,4673	,1593	
		mais que 3	-,21713*	,07331	,026	-,4178	-,0164	
	1	0	,09967	,07459	,669	-,1045	,3038	
		2	-,22699*	,07916	,035	-,4437	-,0103	
		3	-,05430	,11208	,989	-,3611	,2525	
		mais que 3	-,11746	,06955	,442	-,3078	,0729	
	2	0	,32666*	,08249	,001	,1008	,5525	
		1	,22699*	,07916	,035	,0103	,4437	
		3	,17269	,11749	,583	-,1489	,4943	
		mais que 3	,10953	,07797	,625	-,1039	,3230	
	3	0	,15397	,11445	,663	-,1593	,4673	
		1	,05430	,11208	,989	-,2525	,3611	
		2	-,17269	,11749	,583	-,4943	,1489	
		mais que 3	-,06316	,11124	,980	-,3677	,2413	
	mais que 3	0	,21713*	,07331	,026	,0164	,4178	
		1	,11746	,06955	,442	-,0729	,3078	
		2	-,10953	,07797	,625	-,3230	,1039	
		3	,06316	,11124	,980	-,2413	,3677	
	Social	0	1	-,05331	,08955	,976	-,2985	,1918
			2	-,07830	,09905	,933	-,3494	,1928
			3	,11029	,13742	,930	-,2659	,4865
			mais que 3	-,18622	,08803	,215	-,4272	,0547
1	0	,05331	,08955	,976	-,1918	,2985		

		2	-.02499	,09505	,999	-.2852	,2352
		3	,16360	,13457	,742	-.2048	,5320
		mais que 3	-.13292	,08350	,503	-.3615	,0957
		0	,07830	,09905	,933	-.1928	,3494
	2	1	,02499	,09505	,999	-.2352	,2852
		3	,18859	,14107	,668	-.1976	,5748
		mais que 3	-.10793	,09361	,778	-.3642	,1483
		0	-.11029	,13742	,930	-.4865	,2659
	3	1	-.16360	,13457	,742	-.5320	,2048
		2	-.18859	,14107	,668	-.5748	,1976
		mais que 3	-.29652	,13356	,174	-.6621	,0691
		0	,18622	,08803	,215	-.0547	,4272
	mais que 3	1	,13292	,08350	,503	-.0957	,3615
		2	,10793	,09361	,778	-.1483	,3642
		3	,29652	,13356	,174	-.0691	,6621
		1	,04596	,12681	,996	-.3012	,3931
	0	2	,09581	,14026	,960	-.2881	,4798
		3	-.18199	,19459	,883	-.7147	,3507
		mais que 3	,15625	,12465	,720	-.1850	,4975
		0	-.04596	,12681	,996	-.3931	,3012
	1	2	,04985	,13459	,996	-.3186	,4183
		3	-.22794	,19055	,754	-.7496	,2937
		mais que 3	,11029	,11824	,884	-.2134	,4340
		0	-.09581	,14026	,960	-.4798	,2881
	2	1	-.04985	,13459	,996	-.4183	,3186
		3	-.27780	,19975	,634	-.8246	,2690
		mais que 3	,06044	,13256	,991	-.3024	,4233
		0	,18199	,19459	,883	-.3507	,7147
	3	1	,22794	,19055	,754	-.2937	,7496
		2	,27780	,19975	,634	-.2690	,8246
		mais que 3	,33824	,18912	,381	-.1795	,8560
		0	-.15625	,12465	,720	-.4975	,1850
	mais que 3	1	-.11029	,11824	,884	-.4340	,2134
		2	-.06044	,13256	,991	-.4233	,3024
		3	-.33824	,18912	,381	-.8560	,1795

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Emocional_Simbólica

Tukey HSD^{a,b}

Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
0	112	4,3166	
1	136	4,4163	4,4163
3	34	4,4706	4,4706
mais que 3	147	4,5338	4,5338
2	91		4,6433
Sig.		,137	,107

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 78,759.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Social

Tukey HSD^{a,b}

Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?	N	Subset for alpha = 0.05
		1
3	34	2,0147
0	112	2,1250
1	136	2,1783
2	91	2,2033
mais que 3	147	2,3112
Sig.		,063

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 78,759.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Instrumental

Tukey HSD^{a,b}

Quantos dias por semana está com o(a) seu(sua) avô(ó)?	N	Subset for alpha = 0.05
		1
mais que 3	147	3,5000
2	91	3,5604
1	136	3,6103
0	112	3,6563
3	34	3,8382
Sig.		,207

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 78,759.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.